

Constance andava como a pique de morrer, mortalmente esmagada pelas mentiras malsãs e pela crueldade da idiotia. A habilidade de Clifford apavorava-a, e aquele pretensão culto por ela a aterrorizava. Porque não havia mais nada entre ambos. Um já não tocava no outro. Nem na mão. Estando assim completamente separados, aquelas declarações de idolatria a torturavam. Era a crueldade da impotência. Constance sentia-se perto de perder a razão.

Refugiou-se cada vez mais na floresta. Uma tarde em que se quedara a ouvir o murmúrio da fonte, John, o guarda-caça, lhe apareceu.

— Já arranjei outra chave, minha senhora, disse ele, fazendo a saudação militar do costume.

— Ah! Obrigada.

— A cabana não está muito em ordem, mas fiz o que pude, acrescentou ele.

— Mas não queria que se incomodasse.

— Não houve incômodo nenhum. Dentro duma semana arrumarei lá as ninhadas, mas as galinhas não terão medo da senhora. Terei de cuidar delas amiúde, mas procurarei não incomodá-la em coisa nenhuma.

O guarda pousou nela os seus vivos olhos azuis, com ar distante. Tossiu.

— Está doente? indagou Constance.

— Não é nada, um resfriado. Minha última pneumonia me deixou esta tosse que vem e vai.

Mellors conservava-se distante, evitando aproximar-se dela.

Constance passou a visitar a cabana com freqüência, pela manhã e à tarde, mas raro o encontrava lá. Não havia dúvida que ele a evitava. Mellors insistiu na sua solidão.

Arrumara como pôde a cabana; colocou a mesinha e a cadeira junto à chaminé, amontoou lenha e gravetos e afastou os demais objetos de modo a apagar os traços da sua pessoa ali.

Fora, perto da clareira, construiu pequeno rancho de palha para abrigo dos faisõezinhos, e arrumou lá as gaiolas. Um dia, ao chegar, Constance encontrou duas galinhas sobre os ovos dos faisões, arrepiadas e orgulhosas da importante tarefa. Aquilo abateu-a. Sentiu-se inútil, sem emprego

na vida, nem mesmo fêmea como aquelas aves. — Que era ela senão um pobre canteiro de fêrrores?

As cinco gaiolas foram ocupadas por três galinhas vermelhas, uma cinzenta e uma negra. Todas se ajeitavam sobre os ovos na sua pesada e doce função de fêmeas, e com os olhos brilhantes fiscalizavam a intrusa, com cacarejos de cólera, quando a viam aproximar-se demais.

Constance achou trigo na cabana e trouxe-o às galinhas na palma da mão. Todas recusaram e uma delas a bicou num dedo. Mas Constance insistiu em fazer qualquer coisa para aquelas mães chocadeiras que não comiam nem bebiam. Trouxe-lhes água numa vasilha. O fato de uma delas beber um gole deixou-a radiante.

Todos os dias vinha agora visitar as aves, única coisa no mundo que lhe reconfortava o coração. Os protestos idólatras de Clifford gelavam-na dos pés à cabeça. A voz de Mrs. Bolton e também aquele ir e vir de homens de negócios igualmente a gelavam. Gelavam-na ainda as cartas que recebia de Michaelis. E, certo, estaria à beira de morrer, se algo novo não sobreviesse.

A natureza, entretanto, estava em plena primavera com as campânulas a florescerem nos bosques e os rebentos das árvores explodindo chuva de gotas verdes. Não era terrível aquele fulgor da primavera em tudo, menos em seu coração gelado?

Constance sentia-se à beira do fim.

Certa tarde de delicioso sol foi à cabana; e diante dum dos ninhos viu um pinto para fora, a provocar na mãe cacarejos aflitos. Constance abaixou para observá-lo e caiu em êxtase. A vida, a vida! A vida nova, pura, brilhante, sem medo. O pintinho não mostrava medo; passeou por ali e retornando à gaiola desapareceu sob as asas da galinha alvo-voada. E por entre a plumagem materna a sua cabecinha ficou a espiar o cosmos.

Constance sentia-se encantada, mas nunca, como naquele momento, foi maior o seu desespero de mulher sem dono — desespero já intolerável.

Passou a ter um só desejo n'alma: ir à clareira dos faisões. O resto não passava de sonho penoso. Mas muitas